

Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! a insurgência de um novo horizonte?

Rodrigo Capelle Suess

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil

rodrigo.capellesuess@gmail.com

Resumo: Para autores renomados da geografia estes dois campos, Geografia Humanista e Geografia Cultural, seriam em um sentido *Latu Sensu* um único Horizonte, o Humanista, ou uma única Abordagem, a Cultural. Embora possuam muitas coisas em comum, é evidente a existência de pontos de desenvolvimento particulares e devem ser observados. Sendo assim, a meta deste trabalho é compreender as interações e diferenças entre Geografia Humanista e Geografia Cultural e como essas perspectivas contribuem para construção do conhecimento geográfico. Essa investigação é, exclusivamente, qualitativa e tem como base a pesquisa bibliográfica. Explorou-se a fenomenologia como um elo principal entre elas. Desse modo, os conceitos de espaço, lugar e paisagem em Geografia Cultural e Geografia Humanista são elencados como principais construções teóricas dessas geografias e, certamente, viabilizam novas leituras e releituras no/do mundo a respeito do homem e sua espacialidade. Nota-se a existência de uma enorme gama de assuntos geográficos a serem tratados à luz de um Horizonte Humanista/Abordagem Cultural, embora no campo brasileiro seja claro ainda a hegemonia dos estudos marxistas. De toda maneira, o que foi debatido neste artigo não possui fins conclusivos, almeja apenas alimentar e contribuir para essa e outras reflexões a respeito da questão.

Palavras-chave: Geografia Humanista. Geografia Cultural. Fenomenologia. Espaço. Lugar, Paisagem.

Introdução

Nas academias de Geografia, em especial a brasileira, não é totalmente claro os encontros e desencontros, principalmente, os encontros entre Geografia Humanista e a Geografia Cultural. No contexto mais contemporâneo da história do pensamento geográfico brasileiro se evidencia dois reinados, o quantitativo e o marxismo, esse último mais recentemente conquistando grandes pautas das discussões geográficas brasileiras. Certamente o predomínio da perspectiva marxista em Geografia e certa dificuldade desse horizonte dialogar com outras perspectivas frearam o avance cultural na Geografia tupiniquim.

Entretanto, nos últimos 15 anos é evidente o crescimento de uma abordagem cultural no Brasil. Deve-se em especial a organização de grupos de pesquisa, publicações, traduções e organização de eventos. No âmbito dos grupos de pesquisa pode-se realçar o Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura - NEPEC, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -

UERJ e o Grupo de Pesquisas Geografia Humanista Cultural - Ghum da Universidade Federal Fluminense - UFF. Mesmo assim, ainda se carece de textos que discutam as contribuições teórica-metodológicas dessa perspectiva para a ciência geográfica. Nesse sentido, esse escrito se justifica.

Sendo assim, o objetivo desse artigo é compreender as interações e diferenças entre Geografia Humanista e Geografia Cultural e como essas perspectivas contribuem para construção do conhecimento geográfico. Esse trabalho é, exclusivamente, qualitativo e tem como base a pesquisa bibliográfica.

Na primeira parte, esse trabalho visa explorar a Geografia Humanista e Geografia Cultural, com destaque as suas trajetórias, características, desenvolvimentos comuns e particulares. Na segunda, explora a fenomenologia como um elo fundamental entre essas perspectivas, levando em conta seu desenvolvimento, características e contribuições metodológicas. Na última parte, resgata conceitos que são fruto de reflexões desses horizontes mediados por uma abordagem fenomenológica.

Geografia humanista e a geografia cultural

A Geografia cultural tem mais de cem anos e apresenta dois caminhos principais a geografia cultural saueriana e a nova geografia cultural ou geografia cultural pós-80, ambas se distinguem, sobretudo, pela gênese, pelo discurso de cada uma e pelo conceito de cultura adotado (CORRÊA e ROSENDAHL, 2012a). Embora a fenomenologia tenha sido um termo já referenciado pelo precursor da geografia cultural, Carl Sauer, em seu famoso artigo "A morfologia da paisagem" (SAUER, 2012), um interesse maior por esse método é evidente na fase pós-80.

A cultura para a versão clássica é definida em termos amplos, agregando, principalmente, as manifestações naturais, mas também não deixa de englobar os costumes, crenças, hábitos, habilidades, técnicas, leis, artes, linguagem e entre outros. Compreendida como uma entidade supraorgânica que paira sobre a sociedade e determina suas ações (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011). Essa ideia de cultura supraorgânica foi formulada pelos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie na primeira parte da metade do século XX. Assim, a noção de cultura como uma entidade acima do homem, não redutível aos indivíduos

e controlando a sociedade por meio de leis próprias, influenciou fortemente o movimento cultural na Geografia liderado, em especial, por Carl Sauer (DUNCAN, 2011).

Ao contrário dessa concepção, a nova geografia cultural não enxerga a cultura como uma força capaz de determinar a sociedade, mas a encara como um contexto, ou seja, como reflexo, meio e condição da existência das pessoas e dos grupos. Assim, a cultura entra em uma perspectiva interpretativa, composta de significados criados e recriados por grupos sociais que reflete as diversas esferas da vida e suas espacialidades. Trata-se de uma noção de cultura bem próxima a adota na Geografia humanista (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011, 2012b).

Outra observação diz respeito às áreas de estudo que cada uma se interessa. Não é por acaso que as pessoas também costumam chamar ou fazer relação da tendência clássica em geografia cultural com a geografia histórica. Pois, ela estava voltada, principalmente, a estudar sociedades passadas e do terceiro mundo, os modos de vida das comunidades agrícolas, infraestrutura capaz de reproduzir tais comunidades, padrões de trabalho e entre outras. Já a geografia cultural pós-80 concentra suas pesquisas, em especial, em sua própria cultura, nos estilos de vida das cidades do Primeiro Mundo, trazendo a tona questões como: consumo, imaginação, representação, simbolismo, relação de classe, etnia, poder e gênero (DUNCAN, 2012; COSGROVE, 2012).

Muitos consideram que houve uma guerra civil entre a tendência clássica e a renovada que terminou em 1994 com a vitória dessa última. Com a renovação a geografia cultural torna-se aberta, transforma-se numa heterotopia, sujeita à polivocalidade, o que significa uma pluralidade de caminhos e aproximações (CORRÊA e ROSENDAHL, 2012a).

Afinal a interdisciplinaridade e contato com outras ciências humanas são características comuns de ambas as perspectivas. Entre as influências podemos citar a Psicologia, a Antropologia, a Etnologia, a História, a Arte, a Sociologia e, principalmente, a Filosofia. A respeito dessa última, no primeiro "tratado" da Geografia humanista, Tuan (1982, p. 161) já destacava o interesse "penetrante" na Filosofia, pois essa proporciona um ponto de vista unificado que permite que os fenômenos humanos sejam ordenadamente avaliados e levanta assuntos fundamentais de epistemologia que podem ser exemplificados na realidade.

Cientes da partilha que a Geografia faz com os campos dos conhecimentos dos mais amplos horizontes, elaborou-se um quadro a partir do pensamento de Bailly e Scariati (2001), os mesmos destacam esses campos e as principais questões que são absorvidas pela Geografia

Humanista, contudo, pode-se afirmar que a Geografia Cultural também faz uso dessas questões (Quadro 1).

Quadro 1. Relação da Geografia humanista com outros saberes.

Filosofia	Essência do homem	Mente humana	Projetos existenciais
Etnologia e Antropologia	Questionamento dos rituais	Questionamento dos inconscientes	Prática cotidiana
Psicologia	Questionamento da memória Coletiva	Questionamento das representações simbólicas	Questão familiar e as relações entre os indivíduos de um grupo ou entre os próprios grupos
Sociologia	Questionamento da memória espacial	Questionamento dos comportamentos individuais e coletivos	
História da Arte	Mensagens de significados em andamento	Compêndio de habilidades de interpretação de significados de um artista	

Fonte: Bailly e Scariati (2001, p. 219). Adaptação: Rodrigo Suess.

Além da interdisciplinaridade, a geografia humanista e a geografia nova cultural constituem campos muito próximos um do outro, possuindo fortes imbricações. Autores de ambas consideram uma derivada da outra, embora não seja um consenso. Como demonstrado por Corrêa e Rosendahl (2012a, p. 11), "a geografia humanista constitui um campo muito próximo ao da geografia cultural pós-80, levando alguns autores a considerarem-na variante desta. Não é essa opinião de Werther Holzer, para quem esse ramo da geografia tem sua própria identidade".

Existem vários pontos comuns entre essas duas abordagens que se relaciona com o contexto histórico, com as temáticas de estudo e, principalmente, o uso da fenomenologia, o que faz ambas constituírem um campo teórico que compartilha dos meus autores e de algumas ideias. "[...] Os autores conhecidos como de uma abordagem são utilizados amplamente pela outra, [...] sendo frequentemente 'confundidos', encontramos, às vezes, um autor sendo considerado pertencente às duas correntes e sua obra sendo declarada base para ambas" (MARANDOLA JR., 2005).

Carl Sauer, um nome clássico de toda a Geografia, contribuiu significativamente para o que viria a ser a Geografia Cultural e a Geografia Humanista como apontam Mikasell (1978), Lévy (1981) e Ley (1978). Embora seja relacionado quase que exclusivamente como o

fundador de uma verdadeira Geografia Cultural, suas contribuições extravasam e não de limitam a um subcampo ou perspectiva da Geografia. Mello (1990), Holzer (1992) e Corrêa (1997) são precursores no Brasil em trazer a tona às contribuições de Sauer para a Geografia Humanista. Mello (1990) lembra ainda de Vidal de La Blache, no qual os humanistas, igualmente, beberam de sua influência.

Sauer foi pioneiro, uma vez que, foi um dos primeiros a reconhecer que as qualidades estéticas da paisagem deveriam ser apreciadas por um método subjetivo, que a percepção e a interpretação individual estão ao lado das técnicas, acreditava em uma dimensão temporal associada aos fenômenos espaciais, havia uma preocupação ecológica com o destino das culturas e da humanidade, além de refutar os ditames da geografia quantitativa. Mas, talvez, uma das questões que mais aproxima esse importante geógrafo de uma perspectiva humanista é sua insistência que a geografia está "além da ciência" (HOLZER, 1993).

Como lembra Holzer (1993), a Geografia cultural manteve vivos, mesmo após a onda analítica na geografia, o culturalismo, o antropocentrismo e, especialmente, o respeito pela diversidade temática, o que viabilizou a incursão dos geógrafos por diversos campos e perspectivas, o que permitiu fazer frente, tanto a uma geografia tradicional, quanto uma geografia analítica. Exemplo de Relph e Tuan, uns dos precursores da Geografia Humanista, que tiveram forte formação culturalista.

Embora sejam próximas e haja um caminho de desenvolvimento comum, existem trilhas que são mais particulares a cada campo, uma delas é a escala, enquanto os estudos humanistas focam em uma escala do indivíduo, as pesquisas culturais adotam, frequentemente, a escala de valorização do coletivo da cultura, das percepções e das vivências. O contexto no qual emergem, igualmente, é um diferenciador, enquanto a Geografia Cultural surge por volta de 1925, agregando ensinamentos da geografia francesa e americana e nos anos 1970 se renova, a Geografia Humanista nasce no contexto das revoluções e reboiços dos anos 1960 e 1970, época de novos humanismos e radicalismos (MARANDOLA JR, 2005; HOLZER, 1993).

A renovação da Geografia Cultural e o surgimento da Humanista são momentos históricos que desenvolvem em paralelo, o que permite um fortalecimento mútuo. Nesse percurso, enquanto a geografia humanista carrega o humanismo desde a sua gênese, na perspectiva cultural esse esforço ganha força apenas em sua versão renovada (MARANDOLA JR, 2005; CLAVAL, 2007). Embora não seja algo definido claramente, enquanto a Geografia humanista prefere adotar em seus estudos os conceitos de lugar e espaço, a Geografia cultural elege, preferencialmente, para suas análises os conceitos de

paisagem e região. Com ênfase, ainda que não exclusivo, muitos geógrafos acabam definindo o lugar como conceito de domínio humanista ao passo que a paisagem é vista como um reduto da geografia cultural.

Para Marandola Jr (2005) a abordagem humanista e a abordagem cultural são ambas uma demonstração do humanismo em Geografia. Esse autor destaca algumas ligações entre ambas, tais como: A crítica ao cientificismo e ao positivismo; um projeto compartilhado que visa explorar e ampliar a experiência e a consciência humana; abordagens que trazem uma postura independente de método que penetra todas as análises geográficas, em destaque, para o humanismo e a abordagem cultural; utilizam a mesma orientação filosófica (fenomenológico-existencialista). Entre essas aproximações visamos explorar mais um pouco sobre a orientação filosófica, em destaque para a fenomenologia. Visamos fazer algumas aproximações entre o núcleo fundante da fenomenologia como Heidegger, Husserl e Merleau-Ponty para, posteriormente, inserir autores da geografia na discussão.

O humanismo constantemente é relacionado com o período da Renascença, o mesmo parece ter múltiplos significados e não se restringe a uma época específica (TUAN, 1982), visto que ele sempre resurge e se reinventa, como defende Buttimer (1990). Para termos ideia, Erasmos (1466-1436), Sir Julian Huxley (1887-1975) bem como Jean-Paul Sartre (1905-1980) foram humanistas. Cada um desenvolveu visões de mundo sobre o homem e sobre seus valores de um ponto de vista singular, contudo, todos visavam, de um modo ou outro, centralizar o homem em suas análises. Sendo dessa maneira, "o uso histórico, então, permite-nos definir o humanismo como uma visão ampla do que a pessoa humana é o do que ela pode fazer. [...] O humanismo luta por uma visão mais abrangente" (TUAN, 1982, p. 144). Não há uma resposta simples e não existe consenso sobre um único humanismo, "[...] pois cada humanismo será definido em relação ao universo de valores que cercam o termo (o que é homem, liberdade etc.)" (MARANDOLA JR., 2005, p. 395).

Como podemos perceber existem muitos humanismos, a existência de diversas correntes filosóficas como o cristianismo, ateísmo, o marxismo, o liberalismo e o existencialismo, a título de exemplo, influenciam, criam e promovem diferentes humanismos (MARANDOLA JR., 2005). A fenomenologia, associada ao existencialismo e a hermenêutica, constitui no pensamento mais utilizado por essas perspectivas. Bailly (1990, p. 161) defende que o Humanismo em Geografia é uma "[...] changement dans les états d'esprit, élargissement des points de vue et des méthodes.[...] est une sensibilité aux

émotions"¹. Mais do que isso, Marandola Jr. (2005), postula que o Humanismo em Geografia deve ser uma postura, principalmente, ética, constituindo como uma base para a orientação científica do pesquisador e da pesquisa.

Contudo, existem outras concepções em Geografia a respeito da junção dessas perspectivas. Inicialmente, a Geografia humanista foi definida como subcampo nos anos 1970 e ao longo da história do pensamento geográfico ganhou definições mais sólidas, como corrente, vertente, crítica até chegar a concepções mais abrangentes. A noção que predomina atualmente em Geografia, é que essa perspectiva extravasa o campo disciplinar, o campo *Stricto Sensu* e ganha delimitações *Latu Sensu*, isso permite, juntamente, com a Geografia Cultural e as filosofias do significado, ser identificada como Abordagem Cultural e/ou Horizonte Humanista. Adepto de uma perspectiva *Latu Sensu*, preferimos assim como defende Marandola Jr. (2005) e Pádua (2013), adotar uma postura ou atitude humanista, ou ainda como postula Livia de Oliveira, encarar "a Geografia Humanista com uma busca" (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2003, p. 15), apostando de tal forma em uma Geografia permeada pelo Humanismo.

Ou seja, perspectivas como a cultural e a humanista, antes vistas como delimitadas a campos disciplinares da Geografia, acabam contemporaneamente sendo chamadas de Abordagem Cultural por Claval (2002), e novo horizonte ou o terceiro horizonte epistemológico da Geografia, o Horizonte Humanista, por Gomes (2000). Compondo, juntamente, com o Horizonte Neopositivista e com o Horizonte Marxista os horizontes epistemológicos da Geografia. Esse horizonte pode ser visto também por outros autores como o horizonte interpretativo, dos significados, dos valores, ligado às filosofias dos significados, em especial, a fenomenologia (MARANDOLA JR., 2013; MONTEIRO, 2002; MOREIRA, 2014).

Como demonstrado por Marandola Jr (2005, 2013), Gomes (2002) e Moreira (2014) o que parece dar liga e se constituir em um ponto de entroncamento dessas duas perspectivas para se tornarem abordagem ou horizonte tratam-se entre outros elos, a abordagem filosófica e metodológica vinculada a fenomenologia. Nesse aspecto, concentraremos em analisar essa importante filosofia do significado para assim relatar as principais contribuições conceituais de um Horizonte humanista ou Abordagem cultural para o conhecimento geográfico.

¹ "[...] mudança do estado de espírito, alargamento dos pontos de vistas e dos métodos. [...] é uma sensibilidade às emoções" (BAILLY, 1990, p. 161, Tradução Nossa).

Fenomenologia

A fenomenologia "é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma diferencia a sua gênese psicológica e as explicações casuais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dele possam fornecer" (MERLEAU PONTY, 2011, p. 09-10). Ou seja, é um arcabouço filosófico que procura compreender as essências dos fenômenos vividos de cada indivíduo ou grupo. Além disso, a fenomenologia tem como aspecto a crítica as "verdades" consagradas pela ciência racionalista, no qual por meio dela, pode-se almejar outras formas de conhecer o mundo. Assim, intermediado pelo método fenomenológico, considera-se o imaginário dos sujeitos, as fantasias, as representações, as percepções, o vivido e o experimentado, denotando uma leitura apurada do espaço para além do físico natural (MERLEAU PONTY, 2011).

Nesse sentido, eis que surge a preocupação na Geografia de colocar o sujeito, seus anseios, percepções, sentimentos e experiência vivida em destaque. Relacionando-a com a fenomenologia, a Geografia vai buscar a valorização do ser humano e sua experiência espacial para compreender as relações que são tecidas no espaço geográfico, qual seja, a subjetividade e o mundo vivido.

Nesse contexto, a fenomenologia que se encontra relacionada com a Geografia é um tanto complexa como confusa. Muitos estudiosos tentaram fazer essa aproximação apesar da enorme frequência de insucesso, fato que implica em uma descontinuidade do movimento. A perspectiva humanista e a cultural podem ser consideradas as pioneiras na Geografia e as responsáveis, em especial essa primeira, por uma abordagem mais transparente e sistemática do método fenomenológico, na atualidade no Brasil, e pelo desenvolvimento de uma pós-fenomenologia, em nível mundial.

Assim, a justificativa para a realização dessa reflexão está vinculada a valorização do ser humano, das suas vivências, das experiências, da subjetividade e do mundo vivido que por muitos geógrafos são desconsiderados em suas análises.

Ao fazer um breve histórico sobre esse método, podemos dizer que o trabalho *Investigações lógicas* que aparece publicado em duas partes, uma em 1900 e outra em 1901, por Edmund Husserl (1859-1938), inaugura o ponto de partida desse movimento. De lá para cá, se passaram mais de um século de história e houve um significativo desenvolvimento dessa perspectiva em todo mundo acadêmico, em destaque para países como Alemanha, França, Rússia, Bélgica, Espanha, Itália, Polônia, Inglaterra e Estados Unidos. Ressalva para esses dois primeiros, na Alemanha além do fundador, Martin Heidegger (1906-1976) desponta

como um dos principais nomes, na França também surgiram grandes expoentes como Emmanuel Lévinas (1906-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1907-1960) e Paul Ricoeur (1913-2005) (SOKOLOWSKI, 2012).

Nos últimos anos, como ressalta Seamon (2000), tem aumentado o expressivo de trabalhos do mundo acadêmico e profissional, tanto em termos gerais como específicos, que discutem a relação de diferentes campos do saber com a fenomenologia. Os exemplos são variados, antropologia, arte, educação, design ambiental, geografia, gerontologia, psicologia, filosofia, ciências sociais e ciências naturais.

Pode-se dizer que a o nascimento da fenomenologia acontece de uma tentativa de revisão fundamental e radical do conceito de ciência e de racionalidade e também da exposição existente na ciência convencional entre técnica e humanidade contemporânea. Husserl denunciava a crise de sentido e da razão da filosofia e ciência positivista causada pelo distanciamento entre o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e a ciência. Assim o seu fazer fenomenológico concentra-se em "recuperar e restaurar a ordem espontânea da vida, o sentido e a orientação da existência humana, retomando a subjetividade transcendental, expostas nas evidências pré-científicas e pré-lógicas do mundo-da-vida" (GOTO, 2013, p. 34).

Existe, de certa maneira, um exagero na afirmação que a fenomenologia consiste numa abordagem que, claramente, supervaloriza as coisas abstratas. Na verdade, ela surge como uma crítica ao fazer científico exacerbadamente concreto, bem como aquele exageradamente abstrato. Assim, a fenomenologia visa, justamente, o meio termo entre esses polos e para o alcance dessa intenção elege o mundo da vida como objeto. Schultz (1979) endossa que a fenomenologia resulta em uma nova tarefa, a de revelar as intenções de que consiste a vida social, examinando não apenas a "experiência de si próprio do eu, mas igualmente a experiência, que dela deriva, de outros eus e da sociedade" (SCHULTZ, 1979, p. 9). O mesmo defende a fenomenologia de várias crenças, entre elas, que a mesma seria anticientífica, não baseada em análise e descrição, mas em uma espécie de intuição sem controle ou revelação metafísica. Desse modo, considera a Fenomenologia como um método filosófico de pensamento tão científico quanto qualquer outro.

Para Heidegger (1986) a fenomenologia é considerada como a ciência dos fenômenos, cuja análise se efetua por meio de dois componentes: o fenômeno e o logos. O fenômeno é oposto ao encobrimento e apresenta várias facetas: mostrar-se, o que se mostra, o que se revela, trazer para a luz do dia, por no claro, o que se mostra em si mesmo; embora seja um pressuposto, não deve ser confundido com manifestação, pois "fenômenos nunca são

manifestações, toda manifestação é que depende de um fenômeno" (HEIDEGGER, 1986, p.59). O logos, por sua vez, contém em suas múltiplas interpretações o discurso, a razão, o juízo, o conceito, a definição, o fundamento, a relação, a proporção. Assim, a fenomenologia intenta "deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo" (*op cit.*, p.68) . Dessa maneira, a ciência dos fenômenos significa "apreender os objetos de tal maneira que se deve tratar de tudo, que está em discussão, numa demonstração e procedimento diretos" (*op. cit.*, p. 68). Esse contexto evidencia que "o sentido metódico da descrição fenomenológico é interpretação" (Heidegger, 1986, p. 68) e "a compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade" (Heidegger, 1986, p. 70).

"Central to the phenomenological approach is the assumption that people and world are intimately related in a way whereby each makes and reflects the other²" (SEAMON, 1994, s. p). Para o autor (1994), as pessoas não agem sobre o mundo em relação a um objeto, mas, em vez disso, esses sujeitos estão experienciando os seres cujas ações, comportamentos e entendimentos, continuamente, pressupõem e sobressai em um mundo que é apoiado por uma reflexão desses.

Segundo Merleau-Ponty (2011):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: as essências da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1-2).

Nessa conjuntura, esse método procura encontrar nas aparências, facilmente detectadas na experiência e no mundo vivido das pessoas, definir as essências. Uma filosofia que caça nas coisas as essências na existência. Desse modo, suspende a realidade, fato conhecido como *époché* ou redução fenomenológica - de maneira a eliminar todas as afirmações, conceitos e preconceitos a respeito do mundo - para ver o mundo assim como ele é, dando-lhe um estatuto filosófico.

De acordo com Goto (2013), Husserl vai chamar esse método descritivo de procedimento fenomenológico, no qual o retorno "às coisas mesmas" é princípio fundamental. Esse resgate nos dirige a atenção diretamente ao fenômeno, isto é, ao aparente,

² "Central à abordagem fenomenológica é a suposição de que as pessoas e mundo estão intimamente relacionados de uma maneira que cada faça e reflita o outro" (SEAMON, 1994, s. p, Tradução nossa).

a tudo aquilo que aparece imediatamente à consciência. "Consiste aqui no retornar ao mundo prévio às teorizações, a um mundo que é vivo, originário e de onde parte toda posterior idealização científica" (GOTO, 2013, p. 41).

O objetivo final de Husserl foi a criação de uma Filosofia sem pressuposições, tendo como ponto inicial irreduzível às experiências do ser humano consciente, "que vive e age em um 'mundo' que ele percebe e interpreta e que faz sentido para ele" (SCHULTZ, 1979, p. 7). Para isso, "seu primeiro passo é eliminar todas as noções preconcebidas com relação à natureza última desses objetos e dessa realidade de que se ocupa a consciência humana" (p.7). Assim, a "realidade" é "colocada entre parênteses" processo que é chamado de redução fenomenológica. "Depois de eliminadas todas as suposições ontológicas, o que sobra são os processos da consciência humana e seus 'objetos intencionados'" (p.8).

O retorno "às coisas mesmas" é uma tentativa de despir o objeto de toda a roupagem que não lhe é essencial, todas as formulações e teorizações que a ciência o lançou, portanto, se constitui em voltar o que o objeto é, como ele se apresenta na experiência para a consciência (MERLEAU-PONTY, 2011). Para Marandola Jr. (2003), essa busca do homem pelo mundo antes dos pré-conceitos e formulações científicas consolida-se no valor principal a ser alcançado.

Esse procedimento, segundo Merleau-Ponty (2011), é um esforço necessário para que possamos compreender o mundo objetivo e a sua complexidade, passando conseqüentemente, a restituir à coisa sua fisionomia concreta, à subjetividade e sua inerência histórica, reencontrando os fenômenos e os organismos sua maneira própria de tratar o mundo. Para tal, devemos afastar da teoria, pois "é apenas uma conseqüência, uma correção tardia e ineficaz do empirismo", uma vez que a mesma "esconde os fenômenos em lugar de levar a compreendê-los" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 46)

Logo, como evidencia o pensador (2011), o mundo constitui-se num meio natural, num campo dos pensamentos e percepções em sua totalidade e não em um objeto que possuamos a lei de sua constituição. Por esse modo, buscar a essência do mundo é de fato o que ele é, e não aquilo que se constitui enquanto ideia, essa é uma necessidade antes de qualquer tematização. "O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14).

A fenomenologia oferece os instrumentos necessários para a Geografia explorar algumas condições e forças unificadoras da experiência humana do mundo. Condições e forças que são facilmente percebidas e encontradas no mundo vivido das pessoas, pois, esse

método empenha-se em desbravar os meandros dos significados e da qualidade de vida dos homens no meio (BUTTNER, 1982). Esse fator permite um bom diálogo entre esse arcabouço filosófico e essa ciência.

Paassen (1957, p. 21) *apud* Relph (1976, p. 4) conjectura que ciência geográfica tem realmente uma base fenomenológica, o que significa que ela deriva de uma consciência geográfica. Ao geógrafo desenvolver essa consciência ele torna a sociedade mais conscientes da geografia, ao lado, que também depende da existência de uma consciência geográfica natural e pré-científica.

O geógrafo Relph (1976) vê na fenomenologia um método filosófico que enfatiza a descrição do mundo cotidiano do homem, valorizando cada ação, lembrança, fantasia e percepção, reforça o papel desse instrumento na interpretação de significados e símbolos construídos no espaço. Bem próximo da Geografia, Seamon (2000) considera a fenomenologia em termos mais simples como o estudo interpretativo da experiência. O objetivo da mesma, seria examinar e esclarecer as situações humanas, eventos, significados e experiências.

"Holzer concorda que foi com a fenomenologia e o método fenomenológico que a geografia passou a abordar rigorosamente os aspectos subjetivos da espacialidade" (GOTO, 2013, p. 44). Como confidencia Marandola Jr. (2003), o ponto primordial que liga esse instrumento ao estudo geográfico é a sua forma de considerar a relação homem-meio.

Para Buttner (1982) a fenomenologia visa por em dúvida as nossas atividades como cientista, os procedimentos e métodos utilizados por nós, a destacando como um preâmbulo mais do que uma fórmula rígida de operacionalização da pesquisa. Apesar de deixar claro sua opção metodológica, atribui a responsabilidade da liberdade para pesquisador decidir o rumo a ser seguido. Ao entrelaçar fenomenologia e existencialismo acredita que "o geógrafo pode descobrir que o mundo é a sua contribuição especial ao estudo da vida" (BUTTNER, 1982, p. 190).

Seamon (2000) ressalta que a fenomenologia pode ser identificada como um estilo de investigação qualitativa, envolvendo de tal forma uma fundação conceitual e metodológica particular. O autor destaca dois pressupostos que para ele marcam essa abordagem: pessoa e mundo como parte integrante intimamente e um empirismo radical. Dessa maneira, o autor (2000) define algumas características-chaves do método fenomenológico como um empirismo radical³:

³ O autor (2000) dá um sentido muito diferente para o empirismo do que já visto na ciência pelos positivistas. O empirismo liga-se a uma forma de estudo do qual o pesquisador procura ser aberto ao fenômeno e a sua

Primeiramente, para o geógrafo (2000) o estudo deve envolver contato direto do pesquisador com o fenômeno. O investigador deve descobrir formas de encontrar a experiência relatada pela pessoa ou grupos envolvidos de maneira mais direta possível, desvelando assim, possibilidades metodológicas que o permite participar da experiência. Além da relação direta com a experiência, a realização de entrevistas em profundidade e uma cuidadosa descrição e observação que envolva a experiência e o fenômeno se constitui em uma dessas possibilidades. Já se o fenômeno se tratar de um "texto artefactual", como é o caso da literatura, fotografia, poesia, música e fotografias, deve-se descobrir maneiras de se aprofundar no texto, buscando torná-lo o mais familiar possível. O pesquisador deve estar disposto a retornar as partes dos textos quantas vezes forem necessárias.

Outro passo é o fenomenólogo reconhecer que não conhece o fenômeno, mas assim enseja. O fenômeno é visto como um campo que o pesquisador tenta desvendar e explorar. Enquanto, na pesquisa positivista começa-se a investigação querendo conhecer o que não se sabe, na pesquisa fenomenológica, não há uma noção clara do que se vai encontrar e como as revelações acontecerão. Para isso, como frisa Seamon (2000), o mesmo deve sempre adaptar seus métodos para a natureza e as circunstâncias do fenômeno, no qual a habilidade, percepção e dedicação do pesquisador podem pressupor quaisquer procedimentos metodológicos específicos.

Assim sendo, o pesquisador como instrumento humano torna-se o core do método fenomenológico e todos os métodos de investigação específicos devem ir ao encontro de retratar a experiência humana em termos experienciais. "The best phenomenological methods, therefore, are those that allow human experience to arise in a rich, unstructured, multidimensional way"⁴ (SEAMON, 2000, p. 164).

De modo geral, para Seamon (2000) o método fenomenológico incorpora uma relativa incerteza e espontaneidade o que deve ser aceito e transformado em possibilidade. Assim para esse autor, a fenomenologia envolve uma forma criativa, permite uma fluidez de métodos e processos de pesquisa. Existem ainda três estruturas lógicas que são comumente adotados pelos fenomenologistas, o esforço agora é de identificá-las.

Muitos autores vêm trabalhando para identificar formas específicas de pesquisa fenomenológica. Para Buttmer (1982, p. 169) "a variedade de descrições reflete as diferenças

compreensão em plenitude, implicando um envolvimento direto com o mesmo. O empirismo ganha o sufixo radical tendo em vista que o conhecimento surge diretamente da sensibilidade e consciência pessoal do pesquisador em vez de construções intelectuais de segunda mão como utilizado na ciência convencional.

⁴ "O melhor método fenomenológico, portanto, são aqueles que permitem a experiência humana a surgir de uma forma rica, não estruturada, multidimensional" (SEAMON, 2000, p. 164, Tradução Nossa).

fundamentais entre os próprios fenomenologistas e a fluidez de seus limites com outros campos". A mesma autora (1982) identifica três posições que são evidentes para esses estudiosos, a "fenomenologia pura" ou "trancendental" de Husserl, a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, Marcel e Schutz, e a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur.

De acordo com Seamon (2000) esse esforço de identificação tem sido mostrado mais claramente pelos psicólogos associados a chamada "Duquesne School of Phenomenological Psychology". Tendo como base essa escola, o autor discute a abordagem existencial e hermenêutica, e uma terceira a qual ele chama de "first-person", em livre tradução, primeira pessoa.

Na investigação fenomenológica-existencial, a base de generalização, como ressaltava Von Eckartsberg (1998), são as experiências de pessoas ou grupos específicos envolvidos em situações e lugares reais. Quando nós como pesquisadores permanecemos abertos, estudamos cuidadosamente e consideramos coletivamente os relatos descritivos individuais, os mesmos podem revelar essências e significados do tema estudado. Deve-se lembrar que, a preocupação pessoal e o envolvimento do pesquisador podem motivar o entrevistado a fornecer as descrições mais completas e precisas (SHERTOCK, 1998, p.162).

Ainda sobre essa abordagem, Seamon (2000) expõe que diferentemente da pesquisa positivista, que por meio de uma amostra aleatória de indivíduos representativos da população se infere generalizações e conclusões, a perspectiva considera que alguns participantes podem contribuir mais do que outros, tendo em vista uma situação particular em relação ao fenômeno estudado ou por se mostrarem mais perceptivos, visto que podem expressar suas experiências com mais facilidade. De tal modo, nessa pesquisa, como destaca esse mesmo autor (2000), os "sujeitos" são chamados de "co-pesquisadores", uma vez que, o entendimento generalizado é o resultado das sensibilidades tanto do entrevistado como do pesquisador.

Em outra oportunidade, Seamon (2007) destaca três temas importantes na pesquisa fenomenológica-existencial. São eles, a compreensão fundamentada na experiência do mundo real; pessoas imersas no mundo e descrição e compreensão do mundo da vida.

Na investigação fenomenológica em primeira pessoa, o pesquisador usa a sua própria experiência do fenômeno em primeira mão como uma base para examinar as suas características e qualidades específicas, sendo assim, ela oferece clareza e discernimento fundamentados no próprio mundo vivido. Contudo, apesar dessa experiência ser fruto de uma pessoa, o investigador deve encontrar maneiras de envolver o mundo dos outros (SEAMON, 2000).

Em termos gerais, para esse geógrafo (2000), o que vai definir a escolha dos procedimentos e ferramentas específicas de inquérito são o estilo do pesquisador e a natureza específica do fenômeno. Sabemos que toda essa discussão sintetiza em uma aplicação prática e teórica na ciência geográfica, como essa se orienta por meio de conceitos, fica mais visível identificar o envolvimento da fenomenologia por meio desses. Sendo assim, a nossa meta final é explorá-los em uma abordagem cultural impulsionada pela fenomenologia.

Fenomenologia e conceitos geográficos: espaço, lugar e paisagem

De acordo com Sposito (2004), os conceitos e as ideias fazem parte da elaboração teórica do conhecimento científico em Geografia. Segundo Souza (2012, p. 9) "podemos entender os conceitos como 'tijolos'; a teoria como sendo os 'tijolos' com 'argamassa', já assentados, formando um todo coerente; e o método como sendo a maneira de 'assentar os tijolos', 'levantar as paredes' etc., sem agredir a realidade". Dessa forma, o método contribui tanto na formulação de conceitos como na organização de uma teoria. Para fecharmos a discussão sobre Geografia e fenomenologia vislumbramos fazer uma breve conexão entre ambas na construção de conceitos geográficos.

Os conceitos a serem apresentados são os mais próximos da abordagem fenomenológica na Geografia o que não exclui outros conceitos aqui não apresentados, como o território, região, natureza e sociedade. Os conceitos discutidos estão envolvidos direta ou indiretamente com a abordagem fenomenológica, o que não exclui a influências de outras filosofias para sua elaboração. Recorremos, para tal análise, as perspectivas da Geografia Humanista e da Geografia Cultural.

Na fenomenologia a noção de espaço transcende e muito o espaço positivista e o espaço geométrico. Para Christofletti (1982) o espaço nesse viés, é um contexto, mencionado como se tivesse uma espessura em sua estrutura, que é algo que está em oposição aos pontos adimensionais do espaço mensurável. "A *espessura* do espaço é vista na concepção do 'aqui', que é um sistema de relações com outros lugares, semelhante à espessura dos conceitos temporais, tais como 'agora', que envolve aspectos do passado, presente e futuro" (p. 22).

Rolph (1976) em uma abordagem fenomenológica indaga que o espaço geográfico não é uniforme e homogêneo, mas um espaço que possui sua própria identidade, ele possui o seu próprio nome, é abertamente experienciado como algo que pode ser substancial, reconfortante ou ameaçador. "It is the space of earth and rock, water and air, the built space

of towns and villages, or landscapes expressing entire complexes of human intentions⁵" (RELPH, 1976, p. 5).

Em um sentido semelhante, Buttimer (1982) concorda com Schag (1969), para qual acredita que o espaço "é um conjunto contínuo dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas" (SCHAG, 1969, P. 55 apud BUTTIMER, 1982, p. 174).

Há várias definições e explicações sobre o lugar, mesmo em uma abordagem cultural. Segundo Relph (1976, p. 5) "place has often been identified implicitly as the essential feature of the phenomenological foundations of geography⁶". Esse mesmo autor (1976) acredita que diante da sua análise entre espaço, paisagem e lugar, este último talvez seja o mais fundamental dos três, pois focaliza o espaço e a paisagem em torno das intenções e experiências humanas. De acordo com Seamon (2009, s. p) o lugar é "a fusion of human and natural order and any significance spatial center of a person or group's lived experience⁷". Resumidamente, podemos colocá-lo como "qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas" (TUAN, 2011, p. 8).

Relph (2012) identifica alguns aspectos ou temas que são recorrentes nas discussões recentes a respeito desse conceito. Entre eles a capacidade do lugar reunir qualidades, experiências e significados, ou seja, o lugar como reunião; O lugar possui uma forma, uma aparência, o que o leva o autor a chamar esses atribuiu de fisionomia do lugar; Ele também engloba aspectos subjetivos como a identidade, o que permite reconhecer o espírito de lugar; De tal modo, as pessoas possuem capacidade de apreciar e apreender as qualidades desses locais, desenvolvendo um sentido de lugar; A ideia de lugar remete-nos, igualmente, a noção de raízes, enraizamento, interioridade e Lar; No sentido oposto, deve-se destacar a noção do lugar-sem-lugariedade, aquele que para algumas pessoas remete a falta de identidade por sua forma; O mesmo pode ser um entroncamento, um nó de redes nacionais e internacionais, pode incluir como excluir; Os arquitetos podem construir locais para se tornarem lugares, mas a verdadeira construção só acontece por quem vive e trabalha neles; O mesmo pode ser

⁵ "Ele é o espaço da terra e da rocha, da água e do ar, o espaço construído das cidades e povoados, ou paisagens expressando complexos inteiros de intenções humanas" (RELPH, 1976, p. 5, Tradução Nossa).

⁶ "Lugar tem sido muitas vezes identificado implicitamente como a característica essencial dos fundamentos fenomenológicos da geografia" (RELPH, 1976, p. 5, Tradução Nossa).

⁷ "[...] uma fusão da ordem humana e natural e qualquer centro de significado espacial da experiência vivida de uma pessoa ou grupos" (SEAMON, 2009, s. p, Tradução Nossa).

utilizado em seu sentido caricato, manifestando uma visão preconceituosa, sendo utilizado em seu sentido contaminado.

Espaço e lugar são conceitos inseparáveis. Para Tuan (2013, p. 14) "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor", ou melhor, "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado" (p. 167). O lugar não é dado, é construído e experienciado à medida que o conhecemos melhor e temos plano para/com ele. A subjetividade povoa os espaços e ajuda os homens a os habitarem, recriando-os e ressignificando-os, dando uma nova definição, construindo lugares.

Apesar de serem inseparáveis, espaço e lugar, para alguns geógrafos humanistas, são conceitos antagônicos. "[...] Os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações" (MELLO, 2011, p. 8). À medida que o espaço se mantém aberto e livre, o lugar se mantém fechado e seguro. Estar aberto significa liberdade, mas também aventura, luz, domínio público, sugere futuro e convida à ação, entretanto estar aberto pode ser uma ameaça uma vez que se encontra exposto e vulnerável. O espaço aberto está na espera de ser organizado, é um caminho para trilha-se, os objetos estão dispostos de maneira que ainda não remetem significado para quem o deseja explorar (TUAN, 2012, 2013). O lugar é por excelência um espaço humanizado, organizado, e ao contrário do espaço, um centro calmo de valores estabelecidos (TUAN, 2012, 2013).

Tratando da paisagem, Claval (2012), lembra-nos que o impacto das filosofias fenomenológicas influenciou expressivamente na reformulação desse conceito, visto que para essa filosofia, o mundo que as pessoas percebem nunca é objetivamente dado. "É preciso um esforço para retornar às sensações e desconstruir aquilo que nossa educação nos ensinou; então, e só então, é possível, por meio de uma descrição crítica e minuciosa das sensações, compreender as coisas como elas são e penetrar na sua verdadeira natureza" (p. 162-163).

Segundo Berque (2012) a paisagem é uma marca e matriz. Marca visto que a mesma expressa uma civilização, pode ser descrita e inventariada, matriz, pois "participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza" (p. 240)

Berque (2012) complementa que:

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma

moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc (BERQUE, 2012, p. 240).

Fazendo uma síntese, Berque (2012) levanta duas características que norteiam o conceito de paisagem, em primeira instância a paisagem seria plurimodal (passiva-ativa-potencial...) como também seria o sujeito para o qual a paisagem existe. Esses dois, paisagem e sujeito seriam cointegrados em um conjunto unitário, que se autoproduz, autorreproduz e, portanto, se transforma pelo jogo desses diversos modos.

Cosgrove (2012, p. 224) ressalta que a "paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda". Esse geógrafo acredita que as paisagens de nossa vida cotidiana estão repletas de significados, e muitas vezes, as retomadas do significado em nossas paisagens compartilhadas dizem muito sobre nós mesmos. Em termos práticos, o autor (1985) define a paisagem como uma maneira de ver uma composição e estruturação do mundo de forma que possa ser aprendido por uma pessoa ou grupos dessas.

Esse conceito ainda é visto como uma forma simbólica impregnada de valores (CORRÊA, 2011) e como um texto e um contexto, uma vez que os geógrafos almejam passar alguma mensagem quando organizam um espaço ou o constroem (CLAVAL, 2012). Assim sendo, observamos uma forte parceria entre Geografia e Fenomenologia na construção de conceitos geográficos, que se manifestam, principalmente, no horizonte humanista ou abordagem cultural. Esse laço vem se mostrando fértil para novas formulações e aprofundamentos em um futuro que permanece cheio de possibilidades.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos afirmar que existe, ainda, uma enorme gama de assuntos geográficos a serem tratados à luz de um Horizonte humanista ou Abordagem cultural. Embora o desenvolvimento dessas perspectivas tenha sido um pouco delimitado no Brasil no século XX, o século XXI mostra-se propício para um impulso no desenvolvimento dessas abordagens. Ainda predomina nos círculos acadêmicos de Geografia incertezas e concepções confusas a respeito da Geografia Cultural e da Geografia Humanista, bem com de seus elos.

Como vimos, existem muitas coisas em comum entre ambas, ao mesmo tempo que, cada uma possui pontos de desenvolvimento particulares. A fenomenologia pode ser relacionada como um dos principais pontos de encontro. Dessa maneira, visou-se explorar

um pouco desse método e descortinar um pouco seus meandros, já que, em Geografia esse talvez seja o arcabouço filosófico mais desprezado. Assim, a reflexão serviu para demonstrar como esse contribui para construção de conceitos e temas em Geografia. Sabe-se que o a fenomenologia, que também se configura como método, é mais utilizado em um horizonte humanista ou abordagem cultural em Geografia.

De tal modo, os conceitos de espaço, lugar e paisagem são uma forma mais organizada e concreta de demonstrarmos as contribuições e proximidades entre uma Geografia Cultural e uma Geografia Humanista. Visto que, é a partir dos conceitos que a Geografia visa fazer leituras no/do mundo que revelam a espacialidade e intenções humanas. Assim sendo, esse artigo visa contribuir a respeito desse tema em ciências humanas e deixa em abertos outras.

Humanist Geography and Cultural Geography: encounters and disagreements! the insurgency of a new Horizon?

Abstract: For renowned authors of geography these two fields, Humanist Geography and Cultural Geography, would be in a sense *Latu Sensu* a single horizon, the Humanist, or a single Approach, the Cultural. Although they have many things in common, it is clear that there are particular points of development and must be observed. Therefore, the goal of this work is to understand the interactions and differences between Humanist Geography and Cultural Geography and how these perspectives contribute to the construction of geographic knowledge. This research is, exclusively, qualitative and is based on bibliographical research. Phenomenology was explored as a principal link between them. In this way, the concepts of space, place and landscape in Cultural Geography and Humanist Geography are listed as the main theoretical constructions of these geographies and certainly enable new readings and re-readings in the/of the world about man and his spatiality. It is also noted that there is a wide range of geographical issues to be addressed in the light of a Humanistic Horizon or Cultural Approach, although in the Brazilian field it is still clear the hegemony of Marxist studies. Anyway what was discussed in this article, has no conclusive purposes, Aims to feed and contribute to this and other reflections on the thematic.

Keywords: Humanist Geography. Cultural Geography. Phenomenology. Space. Place. Landscape.

Referências

BAILLY, Antione. L'humanisme en géographie: chamanisme ou empathie?. In: BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. *L'humanisme en Géographie*. Paris: Anthropos, p. 155-161, 1990.

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. L'humanisme en géographie. In: BAILLY, Antoine. *Les concepts de la géographie humaine*. Paris: Armand Colin, p.213-222, 2001.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: Eduerj, p. 239-244, 2012.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, p. 11-36, 1982.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 245-276, 2012.

CLAVAL, Paul. Campos e perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). *Geografia Cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 134-196, 2002.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. *Espaço e Cultura*, UERJ, n.29, p. 7-21, jan./jun. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012b.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e suas agendas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012.

DUNCAN, James S. O supraorgânico na Geografia Cultural Americana. In: , Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DUNCAN, James S. Após a guerra civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 109-146, 1993.

LÉVY, Bertrand. Humanistic Geography ou le pari humaniste de la géographie anglo-saxonne. *L'Espace Géographie*, v. 10, n. 4, p. 301-303, 1981.

- LEY, David. Social geography and social action. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. *Humanistic geography: projects and problems*. Chicago: Maaroufa Press, 1978.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.
- MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. *Geografia*, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, v. 01, n. 01, p. 4-15, Inverno 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, 662 p.
- MIKESELL, Marvin. Tradition and in cultural geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 68, n. 1, p. 1-16, 1978.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de F. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. *Borrador*, AGB-São Paulo, n.4, p. 1-49, jul. 2002.
- MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?* Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto: 2014.
- PÁDUA, Leticia Carolina Teixeira. *A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências*. 2013, 208 f. Tese (Doutorado em Geografia Física). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2013.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.
- RELPH, Edward. *Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar*. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. Qual o espaço do lugar?. São Paulo: Perspectiva, p. 17-32, 2012.
- SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: Eduerj, p. 181-218, 2012.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Organização e introdução de Helmut R. Wagner. Zahar: Rio de Janeiro, 1979, 319 p.
- SEAMON, David. The Life of the Place: A Phenomenological Commentary On Bill Hillier's Theory of Space Syntax. In: *Nordisk Arkitekturforskning*, n. 7, v. 1, p. 33-48, 1994. Disponível: <www.arch.ksu.edu/seamon/hillier93.htm>. Acesso em: 04 jul. 2015.
- SEAMON, David. A Way of Seeing People and Place: Phenomenology in Environment-Behavior Research. In: WAPNER, S e et al (eds.). *Theoretical Perspectives in Environment-Behavior Research*. New York: Plenum, p. 157-178, 2000.
- SEAMON, David. Existentialism/existential geography. In: KITCHEN, R.; THRIFT, N. (Eds.). *The International Encyclopedia of Human Geography*, v. 3, p. 666-671, Oxford: Elsevier, 2009.

SHERTOCK, T. Latin American women's experience of feeling able to move toward and accomplish a meaningful and challenging goal. In: VALLE, R. (Ed.). *Phenomenological inquiry in psychology*. New York: Plenum, P. 157-174, 1998.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyala, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, 320 p.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico*. Presidente Prudente: Unesp, 2003, 218 p.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013, 248 p.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina, PR: Eduel, 2012, 344 p.

VON ECKARTSBERG, R. Introducing existential-phenomenological psychology. In: VALLE, R. (Ed.) *Phenomenological inquiry in psychology*. New York: Plenum, P. 3-20, 1998.

Sobre o autor

Rodrigo Capelle Suess - Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Mestre em Geografia na Universidade de Brasília.

Recebido para avaliação em novembro de 2017.

Aceito para publicação em dezembro de 2017.